



XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas

IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

“EU ESCREVO PARA UM MUNDO NO QUAL POSSA VIVER”: criações docentes e reinvenções curriculares

PEDAGOGIAS DA GOVERNAMENTALIZAÇÃO: a cultura do empreendedorismo como forma de gestão de si

Resumo: Este trabalho submetido ao XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares, VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas, IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo trata do tema pedagogias da governamentalização e cultura do empreendedorismo na educação escolar. Surgiu de reflexões e elaborações teóricas e práticas desenvolvidas junto ao grupo de estudos e pesquisa de Filosofia da Educação por mim frequentado na FCT/UNESP/PP e de algumas publicações científicas. Produtividade, competitividade, gestão de si e desempenho – tidos como novos valores dessa cultura – são transferidos para o âmbito pedagógico, subordinando os processos formativos a uma nova governamentalidade. Assim, tem-se como objetivo geral investigar o papel desempenhado pela cultura do empreendedorismo no direcionamento das formas de governo de si na educação atual. Partiu-se da seguinte problematização: por que inserir a cultura do empreendedorismo nas escolas? Nossa hipótese é a de que a cultura do empreendedorismo traduz-se no que Foucault chamou de governamentalidade. Elege-se a concepção de atitude crítica foucaultiana como analítica do presente, a qual emerge como referencial teórico capaz de desenvolver em bases diferentes as concepções neoliberais as quais se inserem a Educação na atualidade. Conclui-se que a crítica foucaultiana é um elemento de problematização e de questionamentos acerca dos excessos de governo presentes na escola.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Gestão de si. Governamentalidade.

GOVERNMENTALIZATION PEDAGOGIES: the culture of entrepreneurship as a form of self-management

Abstract: This work submitted to the XI International Colloquium on Curricular Policies and Practices, VI National Seminar of the Curriculum and Educational Practices Research Group, IV Symposium of the Northeast Region on Curriculum deals with the theme of governmentality and the culture of entrepreneurship in school education. It arose from reflections and theoretical and practical elaborations developed with the Philosophy of Education study and research group I attended at FCT/UNESP/PP and from some scientific publications. Productivity, competitiveness, self-management and performance – seen as new values of this culture – are transferred to the pedagogical sphere, subordinating training processes to a new governmentality. Thus, the general objective is to investigate the role played by the culture of entrepreneurship in directing forms of self-government in current education. The starting point was the following question: why include the culture of entrepreneurship in schools? Our hypothesis is that the culture of entrepreneurship translates into what Foucault called governmentality. The conception of Foucauldian critical attitude is chosen as analytical of the present, which emerges as a theoretical reference capable of developing on different bases the neoliberal conceptions in which Education is inserted today. It is concluded that Foucauldian criticism is an element of problematization and questioning about the excesses of governance present in schools.

Keywords: Entrepreneurship. Self management. Governmentality.

PEDAGOGÍAS DE GOBIERNO: la cultura del emprendimiento como forma de autogestión

Resumen: Este trabajo presentado al XI Coloquio Internacional sobre Políticas y Práticas Curriculares, VI Seminario Nacional del Grupo de Investigación en Currículo y Prácticas Educativas, IV Simposio de la Región Nordeste sobre Currículo aborda el tema de la gubernamentalidad y la





XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas

IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

“EU ESCREVO PARA UM MUNDO NO QUAL POSSA VIVER”: criações docentes e reinvenções curriculares

cultura del emprendimiento en la educación escolar. Surgió de reflexiones y elaboraciones teóricas y prácticas desarrolladas con el grupo de estudio e investigación de Filosofía de la Educación al que asistí en la FCT/UNESP/PP y de algunas publicaciones científicas. La productividad, la competitividad, la autogestión y el desempeño -vistos como nuevos valores de esta cultura- se trasladan al ámbito pedagógico, subordinando los procesos de formación a una nueva gubernamentalidad. Así, el objetivo general es investigar el papel que juega la cultura del emprendimiento en la dirección de las formas de autogobierno en la educación actual. El punto de partida fue la siguiente pregunta: ¿por qué incluir la cultura del emprendimiento en las escuelas? Nuestra hipótesis es que la cultura del emprendimiento se traduce en lo que Foucault llamó gubernamentalidad. Se elige como analítica del presente la concepción de actitud crítica foucaultiana, que emerge como un referente teórico capaz de desarrollar sobre diferentes bases las concepciones neoliberales en las que hoy se inserta la Educación. Se concluye que la crítica foucaultiana es un elemento de problematización y cuestionamiento sobre los excesos de gobernanza presentes en las escuelas.

Palabras clave: Emprendimiento. Autogestión. Gubernamentalidad.

1 Situando a temática: o empreendedorismo como modo de vida

Figura 1- *Self-Mad Man*



Fonte: <http://sociedadesemprisoas.blogspot.com/2011/12/mafalda-self-made-man.html>

Mafalda reproduz, no quadrinho acima, o discurso, presente nos últimos tempos, das denominadas competências e habilidades requeridas para o almejado sucesso profissional. Habilidades cognitivas, competências racionais e socioemocionais, aprendizagem ativa, protagonismo e empreendedorismo são diferentes termos utilizados para nomear os perfis almejados na formação dos estudantes na chamada cultura do empreendedorismo (Nosella, 2010; Carvalho; Silva, 2017).

Essa polissemia conceitual evidencia que a escola enfrenta muitos desafios, uma vez que ela pode não estar respondendo às demandas da contemporaneidade, permitindo que se discuta a formação de um “novo” indivíduo: competitivo, com capacidade de aprender a aprender constantemente (muitas vezes desvinculada do aprender a pensar), que seja habilidoso, produtivo, e mais, com capacidade de aprender a empreender.





XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas

IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

“EU ESCREVO PARA UM MUNDO NO QUAL POSSA VIVER”: criações docentes e reinvenções curriculares

De acordo com Carvalho e Silva (2017, p. 175), “evidencia-se, em nosso tempo, uma difusão de modelos de currículos que tomam a infância como alvo privilegiado para o investimento econômico”.

No entendimento de Nosella (2010), a cultura do empreendedorismo exerce atuação em todos os âmbitos da escola, promovendo a competitividade e o desempenho como pilares da educação atual, sustentados pela racionalidade instrumental (aquisição de competências específicas para atuar no mercado competitivo), relegando ao segundo plano aquilo que não pode ser categorizado numericamente. Desse ponto de vista, o processo de ensino e de aprendizagem escolar fica restrito à aquisição de competências e de habilidades emanadas dos organismos internacionais e fundações empresariais e outras políticas neoliberais que orientam os rumos da Educação, traduzindo-se no que Foucault (2008a) chamou de governamentalidade.

Chavões¹ como “Pense fora da caixinha”, “Enfrente desafios”, “Vença seus medos”, “Invista em si mesmo” são apresentados como fomentadores de comportamentos empreendedores. Surge o imperativo de que a cultura do empreendedorismo deve ser seguida por todos/as. Para se ter uma ideia do que estamos tratando, no ano de 2017, a *Bizword*² completou 20 anos de atuação educacional em mais de 100 países em todo o globo. Seu lema é capacitar estudantes a tornarem-se empreendedores de sucesso. No Brasil, a *Junior Achievement* surgiu com a missão de preparar estudantes – desde a Educação Infantil – a serem cidadãos qualificados³.

Pelo exposto, a figura do empreendedor de si passa a ser o novo modelo formativo requerido e exaltado como um dos principais suportes para a cultura do desempenho e, por conseguinte, para a educação do futuro. Desse ponto de vista, o modelo de conduta a ser desenvolvido pelos indivíduos é motivado pelo comportamento empreendedor: que vença o melhor, o mais preparado, o mais qualificado, reforçando a formação do empresário de si como elemento fundamental para se alcançar o sucesso.

Quando o assunto é empreendedorismo na escola, Dolabela é o autor que mais se destaca na literatura brasileira. O autor afirmou que os estudos atuais indicam que o empreendedorismo abre

¹ Extraído do vídeo “Kylee Majkowski de 10 anos quer ensinar empreendedorismo a crianças no Brasil”. Disponível em: MAJKOWSKI, Kylee. Apresentação. In: **Fórum da liberdade**, Porto Alegre. Painele “Empreendedorismo”, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xlg4qRGFKKQ>. Acesso em: 23 nov. 2021.

² A *Bizword* é um programa empresarial que surgiu no ano de 2000 nos EUA, atuando em mais de 100 países no mundo, desenvolvendo programas de empreendedorismo nas escolas de Ensino Fundamental e de Ensino Médio. Sua meta é preparar crianças e jovens para a atuação empreendedora, engajando a educação para o empreendedorismo.

³ Essa discussão será aprofundada no decorrer da presente investigação.





XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas

IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

“EU ESCREVO PARA UM MUNDO NO QUAL POSSA VIVER”: criações docentes e reinvenções curriculares

novas oportunidades para os indivíduos se qualificarem, oferecendo, automaticamente, graus de realização pessoal. Para tanto, precisam receber educação empreendedora desde bem cedo.

Pelo exposto acima, a cultura do empreendedorismo, estimulada desde a mais tenra idade, é oferecida como tábua de salvação para motivar e estimular os estudantes a adquirirem comportamentos empreendedores para serem bem sucedidos na vida. Aproveitando a deixa, Dolabela (1998) afirmou que as escolas públicas não são suficientes em suas propostas educativas. Nesse caso, o autor defende que é necessário investir massivamente em competências e habilidades, gerando criatividade e inovação.

O discurso empreendedor também é justificado dentro do debate das políticas públicas educacionais. Dois documentos publicados pelo governo federal chamam a atenção: o parecer CNE/CEB nº 13/2010 (Brasil, 2010), que tratou da inclusão do empreendedorismo como componente do currículo escolar desde a Educação Infantil, e o Decreto nº 10.393, de 9 de junho de 2020 (Brasil, 2020), que instituiu a nova Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF e o Fórum Brasileiro de Educação Financeira. O texto do Parecer CNE/CEB nº 13/2010 inseriu a iminente necessidade da inclusão do empreendedorismo na escola, potencializando os valores da competitividade e da lucratividade como eixos norteadores da formação escolar. Na esteira da Pedagogia do empresário de si, o Decreto nº 10.393/2020 reproduziu as diretrizes emanadas do Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século 21 (Delors, 2010). Os dois documentos propõem a inserção do empreendedorismo enquanto tema transversal na Educação Básica, fomentando o protagonismo em relação às demais disciplinas (Dolabela, 2003).

Exemplificando o debate sobre cultura do desempenho na escola, destacamos o Programa de Educação Empreendedora voltado para crianças dos Ensinos Infantil e Fundamental utilizado por muitas escolas privadas de São Paulo: Max, o empreendedorog⁴. O objetivo desse programa é fomentar o talento das crianças identificando características empreendedoras, valorizando comportamentos estratégicos e incentivando a elaboração de Projetos de Vida (Dolabela, 2015).

Sob essa perspectiva, o processo de ensino e de aprendizagem de conteúdos escolares se torna restrito apenas ao desenvolvimento de competências e de habilidades. O trabalho docente é reduzido à execução de um trabalho instrumental cujo foco é o desenvolvimento de competências específicas,

⁴ Trata-se de um sistema de ensino criado por uma pedagoga do conceituado colégio Objetivo de São Paulo. Um professor diferente, descolado personificado na figura de um cãozinho foi criado com o objetivo de ensinar práticas empreendedoras nas escolas brasileiras. Através do site da escola, é possível conhecer alguns materiais educativos. O referido programa foi exposto como uma metodologia de promoção empreendedora, abordando os seguintes pontos: alfabetização financeira, liderança, gestão, responsabilidade social, marketing pessoal (Júnior, 2011).





XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas

IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

“EU ESCREVO PARA UM MUNDO NO QUAL POSSA VIVER”: criações docentes e reinvenções curriculares

a exemplo daquelas postas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nessa perspectiva de educação escolar, aprende-se ainda a criar o próprio emprego: é o conhecido empreendedorismo ensinado desde a Educação Infantil nas escolas mais abastadas. Caso não consiga, “o indivíduo será responsabilizado por sua falta de empenho, energia e vontade” (Assis; Lima, 2019, p. 44).

Diante do exposto, presentifica-se o discurso sedutor amparado na ideia de progresso a qualquer custo. Basta o indivíduo ser empresário de si, desempenhar funções ao máximo, consubstanciando a adesão a um estilo de vida, ao governo de si. Nota-se que a escola deve transformar-se numa empresa.

Villela (2005, p. 37) pontuou que uma escola comprometida com o sucesso do estudante necessita seguir princípios-chave no quesito aquisição de competências e de habilidades: “eficiência, suficiência, desempenho, consistência e parcerias”. E essas concepções são fundamentadas por pedagogias e organizações multilaterais capazes de “promover uma pilotagem sobre o que deve ser ensinado nas escolas, e de que maneira isso deve ocorrer” (Santos, 2015, p. 94).

Ainda no debate sobre cultura do empreendedorismo, intelectuais como Perrenoud são conceituados como “um dos principais autores que apresentam o ensino por competências como uma possível alternativa ao fracasso escolar” (Ricardo, 2010, p. 612). O conceito de competências formulado por Perrenoud é utilizado como referência por outros autores, inclusive brasileiros como Dolabela (2015) e Villela (2005) tratados nessa discussão.

É nessa perspectiva que Perrenoud (2000) propôs o desenvolvimento de competências como recursos indispensáveis à educação requerida pelo século 21.

Pela exposição acima, nota-se que ao indivíduo é depositada toda a responsabilidade pelo seu percurso formativo, desdobrado em práticas de autogoverno. Essa ênfase pela crescente aquisição de competências e de habilidades alcança centralidade no discurso pedagógico atual, apontando a Pedagogia Empreendedora como uma abordagem inovadora. Essa “lógica ocupa lugar tático no governmentação sob a noção de sujeito que empreende a si mesmo” (Calixto, 2013, p. 28).

Assim, produz-se o perfil do sujeito empresário de si: flexível, inventivo, competitivo, adaptável. Dito de outro modo, muito mais do que gerir a própria carreira, produz-se uma forma de gerir a vida. Não importa o refletir. Leva-se em consideração apenas o produzir e o desempenhar.

De acordo com Dolabela (2003), o que se pretende com a Pedagogia Empreendedora é gerar comportamentos e ações empreendedoras nos estudantes, dotando-os de saberes técnicos e instrumentais necessários à educação do futuro. Na mesma linha de raciocínio de Dolabela (2003),





XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas

IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

“EU ESCREVO PARA UM MUNDO NO QUAL POSSA VIVER”: criações docentes e reinvenções curriculares

Carvalho (2004, p. 13) afirmou que é fundamental a educação atual pautar-se em três princípios básicos: “liderança, desempenho e percepções”.

Pelo exposto, a cultura do desempenho atravessa os currículos escolares, deixando pouca margem à reflexão e os modos de resistência e de questionamentos. Para se ter uma ideia do que estamos tratando, o projeto “Oficina do Empreendedor” de autoria de Dolabela (2003), em parceria com a ONG Visão Mundial, já atendeu cerca de 90.000 estudantes da educação básica em Minas Gerais, e 224.000 estudantes no estado do Paraná. Depois do teste piloto desenvolvido nas cidades de Belo Horizonte e Japonvar (MG), em 2002, vários outros estados compraram esse projeto na tentativa de inovar as escolas. Até um prêmio foi criado para homenagear prefeitos empreendedores – prêmio Mário Covas. Assim, o empresário de si necessita desenvolver:

[...] habilidades e capacidades necessárias para criar uma empresa integrando os programas de ensino em todos os níveis: fundamental, médio e superior. Independentemente do nível de ensino, a ênfase deve ser concentrada no desenvolvimento da capacidade individual de procurar e identificar novas oportunidades (Dolabela, 2003, p. 27).

Pelo exposto, desde a mais tenra idade, as crianças são estimuladas a investirem em capital humano, sendo orientadas a elaborarem planos de negócios, a estudarem Propaganda e Marketing, a desenvolverem comportamentos de liderança tornando-se, no futuro, prósperos empreendedores⁵. Ilustrando o debate sobre a produção do empresário de si, a fundação Júnior Achievement - organização educativa mantida por uma iniciativa privada norteamericana - é responsável pelo desenvolvimento de projetos pautados na Pedagogia Empreendedora em mais de 112 países, atendendo, aproximadamente, 6,5 milhões de estudantes (Júnior, 2011). Só no Brasil, mais de 500 mil estudantes participaram de seus programas, afirmou Júnior (2011). Os programas da Júnior Achievement utilizam a metodologia conhecida como “Aprender-fazendo”. De acordo com Júnior (2011), nessa proposta metodológica, os fundamentos do empreendedorismo são transmitidos através de exercícios, jogos, desafios, simulações. Apenas as competências técnicas são enfatizadas nessa proposta. Desse modo, se a escola tradicional não gera competências e habilidades nos estudantes, resta à Pedagogia Empreendedora – enquanto dispositivo da cultura do empreendedorismo – proporcionar uma formação “sedutora”, vendendo-a como alternativa inovadora. Outra proposta que faz compreender a Pedagogia do Empresário de si enquanto dispositivo de controle, de governamentalidade pautada em bases econômicas e neoliberais é o “Prêmio Educação

⁵ Para se ter uma ideia, algumas escolas privadas desenvolvem cursos e programas cujo objetivo é despertar “vocações” empreendedoras nos estudantes.





XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas

IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

“EU ESCREVO PARA UM MUNDO NO QUAL POSSA VIVER”: criações docentes e reinvenções curriculares

Empreendedora Brasil”. Trata-se de uma iniciativa do Instituto Endeavor com o intuito de valorizar e divulgar experiências inovadoras de empreendedorismo no Ensino Superior. O objetivo é reconhecer os profissionais que trabalham com o tema, transversal às demais disciplinas. “Ninguém vai ensinar outra pessoa a ser empreendedora, mas o professor deve instigar essa característica em seus alunos (Instituto Endeavor, 2009, p. 37).

Diante desse cenário, projeta-se uma “nova” arquitetura à formação escolar ancorada em critérios de eficiência e eficácia pautados nos interesses do mercado. Daí o nosso interesse em investigar o modo como a cultura do empreendedorismo se traduz como proposta formativa na atualidade, produzindo efeitos de governamentalidade na escola.

Na tentativa de pensar em outras bases a temática da cultura do desempenho manifestada na pedagogia do empreendedorismo, do aprender a aprender constantemente, nas competências racionais e socioemocionais, vimos em Foucault uma maneira de produzir a insubmissão voluntária, a reflexão indócil.

2 A perspectiva foucaultiana de compreender o governo de si

No curso “Nascimento da Biopolítica”, Foucault analisou a Teoria do Capital Humano. Na compreensão do filósofo, o capital é entendido como tudo aquilo que é passível de produzir algum tipo de rendimento futuro. Exemplificando, um indivíduo que aplica dinheiro e dispende tempo em um curso técnico que promete qualificação imediata para o mercado de trabalho está realizando um investimento em si. Como dito anteriormente, o rendimento é consubstanciado a partir de certo capital, reconhecido como “capital humano na medida em que, precisamente, a competência – máquina da qual é o rendimento não pode ser dissociada do indivíduo humano, que é o seu portador” (Foucault, 2008b, p. 287).

Sibila (2012) anotou que a busca por capacitações ou qualificações é resultado da lógica empresarial que ganha notoriedade espetacular na atualidade. Logo, essa lógica deve ser seguida por todos/as, pois quanto maior o investimento na aquisição de competências e de habilidades, maior será o seu desempenho e empregabilidade. Em consonância com o apontando, Dardot e Laval (2016, p. 332), referindo-se à produção do indivíduo competente e competitivo tão requerido pela sociedade neoliberal, afirmam que o indivíduo empreendedor não calcula apenas investimentos e ganhos, mas “procura, sobretudo, trabalhar a si mesmo com o intuito de transformar-se, aprimorar-se, tornar-se sempre mais eficaz”. Assim, pela discussão desenvolvida até o momento, fica explícita a ideia de que, se o indivíduo não conseguir uma vaga no competitivo mercado de trabalho, é porque ele não





XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas

IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

“EU ESCREVO PARA UM MUNDO NO QUAL POSSA VIVER”: criações docentes e reinvenções curriculares

gerenciou adequadamente sua formação, não adquiriu competências suficientes para atingir o padrão de sucesso pessoal e profissional, tornando-se obsoleto como um objeto sem valor algum.

Os alunos e professores, nesse contexto, têm de desenvolver competências e habilidades de modo a serem pessoalmente flexíveis e aptos a agirem em contextos que não têm nenhum conjunto claro de fronteiras ou respostas simples. Professor e aluno devem desenvolver competências para a contínua resolução de problemas de forma flexível, num processo contínuo de adaptação a situações complexas (Moraes, 2008, p. 57).

Ao que parece, a escola é compreendida a partir de um viés utilitarista: que vença o melhor, o mais preparado, o mais capacitado. Dentro da perspectiva foucaultiana de Biopolítica, o poder de gerir a vida⁶ implica a racionalidade que consiste em produzir, tomar a vida e a sua inclusão nos cálculos. Nessa assertiva, a Biopolítica age sobre o corpo coletivo da população com o objetivo de regulá-la. Trata-se, portanto, de um conjunto de técnicas de poder que orienta o comportamento da população no sentido de torná-la mais produtiva. No debate sobre empreendedorismo na educação escolar, essa regulamentação é notória, uma vez que ao indivíduo habilidoso e competitivo é prometido o almejado sucesso.

É nesse contexto que estamos chamando de gestão da vida que inserimos o debate sobre a cultura do empreendedorismo, entendida como um dispositivo⁷ que (re) produz “novos” potenciais de produção e de condução dos indivíduos. Assim, o imperativo “ser competitivo consigo e com os outros” instaura-se no contexto educativo em que o “impulso competitivo torna-se um fim em si mesmo criando uma cultura de teste e de exibição e, é claro, uma corrida absoluta” (Masschelein; Simons, 2017, p. 124).

Ao priorizar a preparação do indivíduo para o século 21, alguns dispositivos de controle são definidos: lucratividade (investimentos em capital humano), utilidade (só devem ser ensinados conteúdos eleitos como úteis para o indivíduo sobreviver no mercado competitivo - o que não tem utilidade dentro desse objetivo deve permanecer fora dos muros escolares), calculabilidade (tudo deve ser racionalizado, programado), empregabilidade (formação rápida).

A vinculação da formação de competências a programas de treinamento (*coaching*) ou às chamadas metodologias ativas comprova que não se trata de um processo de formação e desenvolvimento humano pleno, mas da produção de autômatos programados para reagir em conformidade com as expectativas sociais. As pessoas devem controlar as emoções como dirigir um automóvel sem precisar pensar no

⁶ Foucault utiliza a ideia de “gestão da população” no contexto da Biopolítica. Desse modo, ao nos referirmos à “gestão da vida” estamos nos referindo às estratégias de poder que fazem parte do domínio dos aparelhos do Estado, bem como das instituições como escolas, empresas, dentre outras.

⁷ É no texto História da Sexualidade (A vontade de saber) que Foucault (1990) desenvolveu as definições de dispositivo, apesar de já ter apresentado tal conceito em Vigiar e Punir. Foucault (1990, p. 244) conceituou dispositivo como: [...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas [o dispositivo pode ser entendido também] como um tipo de formação que, em determinado momento histórico teve como função principal responder a uma urgência histórica. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante.





XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas

IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

“EU ESCREVO PARA UM MUNDO NO QUAL POSSA VIVER”: *criações docentes e reinvenções curriculares*

que estão fazendo para que possam funcionar adequadamente nas escolas, no trabalho ou na vida (Silva, 2018, p. 151).

As recomendações sobre como se tornar indivíduos de desempenho não param por aqui. Se tomarmos a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017a) - referência obrigatória na elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas de toda a Educação Básica – está presente a orientação de que os estudantes brasileiros necessitam desenvolver um número de competências básicas consideradas essenciais para se assegurar um futuro promissor.

3 Como resistir?

O que temos feito de nós mesmos sob as formas de controle e adiestramento da vida? Como resistir? Com esses questionamentos, pretendemos desenvolver a reflexão sobre as formas como Foucault concebia a Filosofia enquanto modo de vida, de enfrentamento. E, para isso, o filósofo toma a atitude crítica para questionar as verdades, as formas de dominação e os efeitos que elas têm sobre nós. Logo após dedicar estudos sobre contracondutas pastorais no período medieval, Foucault pronunciou a conferência “O que é a crítica”. O filósofo se propôs a desenvolver a genealogia da atitude crítica aprofundando a tese de que a crítica, enquanto atitude, é originária das contracondutas pastorais. Em outras palavras, as contracondutas “são movimentos que procuram escapar da conduta dos outros, que procuram definir para cada um a maneira de se conduzir” (Foucault, 1999, p. 256-257). No contexto da cultura do empreendedorismo, resistência, contracondutas e a questão de como não ser governado de tal maneira não estão presentes.

Em Foucault (1999, p. 35): “[...] a crítica é o movimento pelo qual o sujeito se outorga o direito de interrogar a verdade sobre os seus efeitos de poder [...], a crítica seria assim a arte da insubmissão voluntária, a da indocilidade refletida”.

Em Foucault (1984, p. 14), problematizar o hoje é entendê-lo como acontecimento compreendido como imprevisibilidades que abrem possibilidades diante da realidade. Assim, problematizar o hoje é desenvolver a interrogação crítica do sujeito: “é esta a tarefa de uma história do pensamento por oposição à história dos comportamentos ou das representações”. Refletir sobre o presente problematizando-o é a proposta que Foucault (1984) apresentou ao sujeito de pensar, agir e projetar a vida ausente de determinismos e padrões pré-concebidos, uma vez que o discurso do “sujeito que problematiza deve converter-se em prática de vida, em modo de agir que estilizem a vida” (Oliveira, 2011, p. 137). Nesse debate, chama-se a atenção para a problematização do presente





XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas

IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

“EU ESCREVO PARA UM MUNDO NO QUAL POSSA VIVER”: criações docentes e reinvenções curriculares

diante das relações permeadas por poderes e saberes oriundos de pedagogias que privilegiam a produção de corpos dóceis, de empresários de si. Nesse momento da discussão, podemos acrescentar: qual a relação entre atitude crítica e modos de governamentalidade? No artigo “Qu’est-ce la critique?” Foucault (1995) se propôs a desenvolver a arqueologia da atitude crítica. Em sua concepção, a crítica como um elemento contrário às artes de governar desenvolveu-se por alguns caminhos. Historicamente, a atitude crítica teve seu início na pastoral cristã como forma de contraposição aos ensinamentos religiosos. Em seguida, Foucault (1995) anotou que a atitude crítica adveio do direito natural. Ou seja, não querer ser governado desse modo implicava recusar leis consideradas injustas. A atitude crítica consistia em se contrapor ao governo que tais leis exigiam. Por fim, Foucault (1995) considerou que a atitude crítica, ou seja, o “não querer ser governado” é a recusa das verdades, questionando-as daqueles que se dizem delas portadores. Assim, a atitude crítica implica o desassujeitamento na possibilidade de interrogar a verdade em seus discursos e práticas de domínio. Diante do contexto de que sempre estamos frente a dispositivos de governamentalização da vida, é necessário “resistir ser governado por determinados agentes” (Foucault, 1995, p. 6). Para Foucault (1995), a atitude crítica enquanto arte de resistência diante das formas de governo necessita desenvolver-se não apenas como exercício de interpretação do momento atual, mas como prática que sugere a relação do indivíduo consigo próprio. A atitude crítica nos moldes postulados por Foucault (1995, p. 6) traduz-se como “arte da inservidão voluntária, aquela da indocilidade refletida”. De acordo com Veiga-Neto (2011), Foucault (1995) evidenciou os limites da aceitação da condição humana em obedecer, assumindo uma posição de heteronomia. O que se pontua nesse debate é que a atitude crítica, enquanto prática formativa, encontra possibilidade de realização enquanto resistência às formas de governo de si. A crítica “teria essencialmente por função o desassujeitamento no jogo de que se poderia chamar a política da verdade” (Foucault, 1995, p. 18). A perspectiva filosófica assumida neste trabalho para estudar o tema das pedagogias da governamentalização e a crítica como atitude se traduz como proposta pela qual os indivíduos podem resistir às técnicas de controle de si que tentam governá-lo.

CONCLUSÃO

Fomentou-se, na presente discussão, a crítica sobre o presente e a relação que o sujeito estabelece com o empreendimento de si. O conceito de governamentalidade serviu de suporte para refletir sobre o modo como as propostas formativas atuais, a exemplo da cultura do





XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas

IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

“EU ESCREVO PARA UM MUNDO NO QUAL POSSA VIVER”: criações docentes e reinvenções curriculares

empreendedorismo, endossam a produção de subjetividades assujeitadas. Problematizar o presente criticamente em busca de reformulações contínuas das subjetividades é a possibilidade que Foucault (2008a) oferece ao sujeito para resistir às formas de assujeitamento. Em nosso entendimento, desenvolver a atitude crítica é ultrapassar o previamente designado por programas e propostas educativas alinhadas ao gerenciamento subjetivo. Assim, resistir às formas de governamentalidade da vida é insistir na produção de outras subjetividades que não aquelas provenientes das pedagogias empreendedoras. Rejeitar esse sujeito empreendedor de si (adestrado, adaptado, controlado, produtivo e competitivo) – que foi transformado para ser governado – é apostar na vida para além das formas de governo atuais, possibilitando a crítica e a contraconduta. Os sistemas educativos “se nos conformam a esta subjetividade podem também abrir outras formas de nos relacionarmos conosco, produzindo formas outras de vida” (Gallo, 2017, p. 92)

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Camila; LIMA, Laís. Subjetividade docente em tempos de cultura da performatividade. **Revista Tecnia**, v. 4, n. 1, p. 41-51, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://revistas.ifg.edu.br/tecnica/article/view/292>. Acesso em: 27 fev. 2024.
- BRASIL (2010). **Parecer CNE/CEB nº 13**, de 4 de agosto de 2010. Consulta acerca da inclusão do Empreendedorismo como disciplina no currículo do Ensino Fundamental, do Ensino Médio, da Educação Profissional e da Educação Superior. Brasília: MEC, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6552-pceb013-10&Itemid=30192. Acesso em: 5 fev. 2024.
- BRASIL (2017a). **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017a. Disponível em: www.basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 12 fev. 2024.
- BRASIL (2020). **Decreto nº 10.393**, de 9 de junho de 2020. Institui a nova Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF e o Fórum Brasileiro de Educação Financeira – FBEF. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jun. 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Decreto/D10393.htm#art10. Acesso em: 14 fev. 2024.
- CALIXTO, Cláudia. **Querer, obedecer e empreender**: o governo de si e dos outros nos discursos pedagógicos (final séc. XVIII e início séc. XIX). Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Faculdade de Educação da USP, 2013.
- CARVALHO, Denise. **Variáveis associadas ao perfil empreendedor**: relações com modelos familiares e formação empreendedora. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.
- CARVALHO, Rodrigo; SILVA, Roberto Rafael. Currículos socioemocionais, habilidades do século XXI e o investimento econômico na educação: as novas políticas curriculares em exame. **Educar em Revista**, Curitiba, nº 63, p. 173-190, jan./mar. 2017.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Ed. Boitempo, 2016.
- DOLABELA, Fernando. **Empreendedorismo sem fronteiras**. Rio de Janeiro: alta Books, 2015.
- DOLABELA, Fernando. **Oficina do empreendedor**. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.





XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas

IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

“EU ESCREVO PARA UM MUNDO NO QUAL POSSA VIVER”: criações docentes e reinvenções curriculares

- DOLABELA, Fernando. **Pedagogia empreendedora**: o ensino do empreendedorismo na Educação Básica voltado para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Cultura, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. 10ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- FOUCAULT, Michel. **O que é crítica?** (Conferência proferida em 27 de maio de 1978). Tradução de Gabriela L. Borges. Edições texto e grafia, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**: curso no Collège de France (1977-1978). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.
- GALLO, Silvio. O ‘efeito Foucault’ em Educação. **Revista Pro-Posições**, v. 25, n. 2, p. 15-21, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/MCtFSfqBwtSLygWyZyQDV4J/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 fev. 2024.
- JUNIOR, Otávio Paulo. **O espírito do capitalismo e a cultura do empreendedorismo**: educação e ideologia. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2011.
- MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Martin. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- MORAES, Antônio Luís. **Disciplina e controle na escola**: do aluno dócil ao aluno flexível. Canoas, RS: Contraponto, 2008.
- NOSELLA, Paulo. A atual política para a educação no Brasil: a escola e a cultura do desempenho. **Revista Faz Ciência**, v. 12, n. 16, p. 37-56, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/download>. Acesso em: 23 fev. 2024.
- PERRENOUD, Phillipe. **Dez novas competências e habilidades para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- RICARDO, Elio. Discussão acerca do ensino por competências: problemas e alternativas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 140, p. 605-628, maio/ago. 2010.
- SANTOS, Jane. **Política de avaliações externas**: a ênfase na questão das competências. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2015.
- SIBILA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2012.
- SILVA, Márcio. **A formação de competências socioemocionais como estratégia para captura da subjetividade da classe trabalhadora**. 2018, 169 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara/SP, 2018.
- VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011
- VILLELA, Cláudia. **Empreendedorismo na escola**. São Paulo: Artmed, 2005.

